I CONGRESSO CEARENSE DE GESTALT-TERAPIA

MODALIDADE: RODA DE CONVERSA

TÍTULO: “GESTALT-TERAPIA COM CRIANÇAS: QUANDO O SINTOMA CONVOCA O CAMPO FAMILIAR”

AUTORA: Karen Stefanny Crisostomo Ramos

RESUMO

Introdução: A atuação da Gestalt-terapia na clínica com crianças, na contemporaneidade, convoca o psicoterapeuta a compreender os diversos fenômenos relacionais presentes na interação criança-mundo. Mundo este permeado de exigências às figuras parentais de um forma idealizada de ser criança, o que acaba por distanciar os adultos de quaisquer tentativas de integração. Nesse distanciamento, são divulgadas ideias sobre “dicas para” saber se essa criança se enquadra em alguma nomenclatura previamente estabelecida, sem sequer checar o que sustenta as possibilidades de ser-no-mundo. Dessa forma, ao se buscar psicoterapia, a leitura feita pela família sobre os sintomas apresentados pela criança ficam geralmente no campo individual, afastando-se de qualquer implicação do contexto familiar e relacional. Será então nessa configuração, por vezes desintegrada, que o gestalt-terapeuta precisará ampliar sua leitura, e convidar os adultos da relação a perceber como esses sintomas expressam necessidades da criança e também do campo familiar. A compreensão de saúde para a Gestalt-terapia será exatamente a possibilidade de integrar polaridades, pois a partir disso será possível compreender os sofrimentos vivenciados, e buscar novas formas de movimento diante dos sintomas presentes. Entre movimentos e cristalizações, o trabalho do gestalt-terapeutas com crianças e seu respectivo campo familiar, requer constante atualização e aprofundamento das características de leitura de campo. **Objetivo:** Diante disso, tem-se como objetivo discutir como o sintoma pode ser compreendido como uma tentativa de autorregulação da criança diante das vivências no campo relacional, bem como explorar estratégias de intervenção que favoreçam o contato, a ampliação de awareness e a co-responsabilização da família no processo terapêutico. Em Gestalt-terapia, distanciamo-nos de culpabilizar a família pelo sofrimento vivenciado pela criança, propondo o movimento de convidar essa família para a implicação legítima no processo de construção do heterossuporte diante das demandas comunicadas pela criança. Metodologia: Para tanto, a metodologia proposta será o formato de Roda de Conversa, ao se entender que a formação do gestalt-terapeuta deve seguir de forma contínua, para que tenhamos a oportunidade de dialogar com os pares sobre os entraves e ampliações do fazer clínico com crianças. Inicialmente, será apresentado um breve cenário de como os sintomas chegam na clínica com crianças, ilustrando uma situação em que o sintoma infantil convoca a implicação familiar no processo terapêutico. A partir desse disparador, serão levantadas questões norteadoras, como por exemplo, “De que modo o sintoma da criança expressa o campo familiar?” e “Quais são os desafios éticos e técnicos ao incluir a família no manejo clínico?”. Em seguida, será aberto

espaço para que os participantes compartilhem experiências, inquietações e compreensões, promovendo uma construção coletiva do conhecimento. A facilitadora atuará como mediadora do diálogo, favorecendo a escuta sensível e articulando as contribuições com conceitos fundamentais da Gestalt-terapia. Não sendo possível, nessa modalidade, haver uso de recursos audiovisuais, as questões norteadoras serão impressas e levadas para serem expostas no centro da sala, a fim de ser uma fonte de suporte visual à discussão. **Resultados/Conclusões:** Em consonância com o Eixo temático 1, o qual propõe o diálogo com aspectos da formação do gestalt-terapeuta, espera-se que a roda de conversa possa ampliar as discussões que envolvem a atuação clínica com crianças. Partindo de conceitos básicos que sustentam nossa abordagem, consideramos que esse espaço formativo pode auxiliar profissionais que tanto desejam conhecer a temática, quanto àqueles que já atuam com crianças e sentem a necessidade de aprofundar sua leitura do campo familiar. As discussões que serão propostas pretendem evidenciar a importância de incluir a família não apenas como contexto, mas como parte das intervenções no processo terapêutico com crianças, reconhecendo suas formas de contato, suas possibilidades e limites. A relevância desta atividade para a abordagem gestáltica reside na compreensão de que a clínica não se faz sozinha, pois nesses espaços formativos podemos acessar o sentimento de pertencimento à comunidade gestáltica, tornando nosso trabalho ainda mais potente. Quanto mais integrado às suas bases teóricas e epistemológicas o gestalt-terapeuta estiver, mais seguro das propostas de intervenção estará.

Palavras-chave: atuação do gestalt-terapeuta; campo familiar; Gestalt-terapia com crianças; sintomas na clínica.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Luciana. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática.** 2ª ed. São Paulo: Summus, 2014.

OAKLANDER, Violet. **Descobrindo crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes.** Tradução: George Schlesinger. 16ª edição. São Paulo: Summus, 1980.

GOMES, Sâmia Silva. A presença da família na clínica gestáltica Infantojuvenil. In: BRANDÃO, Cintia Lavratti. Org. **Gestalt-Terapia Infantojuvenil - Práticas Clínicas Contemporâneas.** Curitiba: Juruá, 2018.